

APRESENTAÇÃO

PRESENTATION

SISTEMA E ONTOLOGIA NA FILOSOFIA FRANCESA CONTEMPORÂNEA

Desde a segunda guerra mundial, a produção e a pesquisa na filosofia francesa foram dominadas pelos seguintes correntes: a fenomenologia existencial, a fenomenologia formal, o estruturalismo com sua dedicação à epistemologia e à ciência, seguido por um período de disseminação, de desconstrução e de singularização crítica do seu formalismo, com uma grande presença paradigmática da literatura e da psicanálise em que se redefiniu simultaneamente a filosofia prática, e especialmente a análise do poder.¹ Nos anos 1980, começou um momento de restauração toqueviliana de uma filosofia ciumenta dos valores da nação francesa, em que foi solicitada uma suspensão das propostas mais ousadas da filosofia prática do período pós-guerra. Neste âmbito, a ética da alteridade de Emmanuel Levinas tomou asas. Participarem, ao lado da entrada do pensamento sobre ética originado na filosofia moral anglo-americana e na teoria crítica, as teses sobre hospitalidade de Jacques Derrida. Além disso, encontra-se um corrente forte de pensamento feminista, além da expansão da reflexão sobre arte e uma própria transformação da filosofia em arte.

Ademais, o final dos anos 1980 representa um período que corresponde a uma dramática rearticulação de posições vinculadas à ontologia fundamental heideggeriana. Corresponde também à publicação de um livro que na época foi praticamente despercebida, vista por muitos na França até como uma chateação, mais cujo impacto não para de crescer e cuja força está em honra neste Dossiê sobre sistema e ontologia. Trata-se do livro *L'Être et l'événement* de Alain Badiou, publicado em 1988.

O historiador inglês, Perry Anderson, observa que “ao olhar atrás [para os anos 1960 na França], a gama de obras e ideias que conseguirem uma influência internacional é impressionante. Poder-se-ia argumentar que não havia nada semelhante durante um século,” recordando que, apenas

¹ Por mais que é um lugar comum de reconhecer a referência à “literatura” como topos da filosofia francesa, ainda tem que entender o formalismo pelo qual se organiza. Recordamos, neste respeito a aula inaugural proferida por Roland Barthes no Collège de France em 1977, publicado in *Aula*. Aula inaugural da cátedra de Semiologia Literária do Collège de France. Trad. Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Ed. Cultrix, 1978.

Veritas	Porto Alegre	v. 58	n. 2	maio/ago. 2013	p. 211-217
---------	--------------	-------	------	----------------	------------

nos dois anos de 1966 e 1967, foram publicados *Du miel aux cendres*, *Les Mots et les choses*, *Civilisation matérielle et capitalisme*, *Système de la mode*, *Ecrits*, *Lire le Capital* e *De la grammatologie*.² Anderson acrescenta que, devida ao febre intelectual despertado por estas obras, é pouco surpreendente que se traduziu no plano social, político e cultural numa revolução no ano seguinte. De fato, 1968 era o ano do famoso levante de maio e junho, o acontecimento da política francesa contemporânea.

Durante muito tempo, a significância deste acontecimento era seguida em termos dos efeitos visíveis consequentes às tendências filosóficas que ocupavam a França pelo menos até os anos 1980. Bem menor, até mudo, foi o foco sobre aquilo que 1968 *interrompeu* no âmbito da produção filosófica, o que vários artigos presentes neste dossiê denominam o seu “espírito de sistema”. Por mais que o período pós-1968 vem marcando a filosofia francesa por seu gênio criativo, crítico, e finalmente cético, e até cínico, o que antecede esta data fatídica contém uma proliferação de propostas sistemáticas sobre filosofia inegável na sua ambição e abrangência antes e desde então.

O período seguinte a 68, no plano estrito da produção filosófica, adiantou o que era um intenso foco de pesquisa desde os anos 1950, e na verdade poder-se-ia voltar atrás até os anos 1930. Partindo da pesquisa filosófica deste época, os anos 1950 se configuram numa confluência da nova epistemologia, isto é, da filosofia das ciências em Koyré, Bachelard e Canguilhem, em que encontrava-se também o projeto de fundamentar uma ontologia em um engajamento cedo com a programa de Heidegger, que visava uma volta parcial às *Investigações Lógicas* de Husserl e especialmente à *Lógica formal e transcendental*. Os anos 1930 filosóficos na França foram motivados pelo trabalho matemático despertado por Cantor e Dedekind, cujos mais brilhantes expoentes no país eram dois jovens matemáticos e filósofos, Jean Cavailles e Albert Lautman. Se estes pensadores eram pouco conhecidos fora da França até recentemente, uma das razões principais é que tanto Cavailles quanto Lautman era também organizador e agente ativo da *Résistance* contra a ocupação nazista da França. Primeiro detidos separadamente em prisões de guerra, e depois foragidos, quando o Gestapo os localizou numa segunda vez, não hesitarem de executá-los sumariamente. Assim veio ser firmada a matriz convergente entre formalismo e política de emancipação.

Lentamente, após a *Libération* da França, as linhas de reflexão por eles abertas foram retomadas, agora em intenso debate e confronto com a nova orientação estruturalista e pós-humanista de pesquisa

² P Anderson, “Dégringolade”, in *London Review of Books*, v. 26, n. 17.2, September 2004, p. 5. <<http://www.lrb.co.uk/v26/n17/perry-anderson/degringolade>>.

filosófica ocorrendo na École Normale Supérieure (ENS) de Paris, rue d'Ulm, sob orientação dos professores Jean Hyppolite, Louis Althusser, Michel Foucault e eventualmente Jacques Derrida. Por isso, como Etienne Balibar comentou, sem necessidade de ironia, naquela época no vasto programa de pesquisa organizado em filosofia na "Normale", "o destino do mundo era em jogo num seminário no Auditório Cavallès."³ O livro *L'Être et l'événement* de Alain Badiou representa a retomada das pesquisas daquela época; melhor, é a sua primeira realização monumental desde 1968. O livro representa a primeira ontologia da multiplicidade fundamentada no formalismo da concepção matemática que acabou rompendo a identidade entre o Um/Uno, o infinito e o absoluto. A ontologia de Badiou é uma ontologia sem Uno, isto é, uma ontologia em que aquilo que se torna múltiplo é o próprio infinito.

Nesta apresentação não cabe introduzir o sistema de Badiou, que eu já havia ocasião de fazer em várias outras circunstâncias. Contudo, quero frisar o campo abrangente em que atua a filosofia francesa contemporânea, especificamente jogando luz sobre certos pontos nodais entre a filosofia e as demais ciências. Os leitores avisados reconhecerão estes *nodi* como sendo as "condições", ou espaços de produção de verdade(s), na ontologia e na fenomenologia de Badiou. Entre eles, encontra-se a ciência, sem dúvida, da rica tradição matemática francesa (Poincaré, do grupo Bourbaki, Grothendieck, Mandelbrot, Thom, Connes, para citar apenas os maiores do século XX); a arte (da Nouvelle Vague, de Dada e do Surrealismo, do Situacionismo, do Nouveau Roman, do serialismo de Boulez, das superações de Tinguely, Klein e de Saint Phalle, assim como das instalações biográficas de Sophie Calle); a política e a era pós-colonial; o amor, num clima urbano de divórcios em espiral, a complexidade do *eros* solicita o conceito e as lógicas não clássicas para estorar a câmara lúcida das fantasias sem fundo.

Nesse âmbito, o sistema vem insistindo. Apresenta um espaço limítrofe, mas para ser relevante os sistemas contemporâneos precisam também escapar ao domínio da produção da verdade, e até mesmo do âmbito da própria filosofia. Esta saída corresponde ao que Badiou denomina a "antifilosofia", e é fundamental por três razões. Primeiro, a antifilosofia impõe a alteridade numa economia restrita e numa posição ética descentraliza à filosofia, mas numa perspectiva em que não pode ser negada, a não ser assassinar aquilo que se mostra fugitivo do âmbito interno e consistente do sistema. A ética é precisa por não comprometer o espaço outro externo, e para preservar a filosófica como guardião da

³ E. Balibar, "Althusser and the Rue d'Ulm", in *New Left Review*. Translated by David Fernbach. July-Aug 2009, p. 107.

sua própria coerência. Segundo, a antifilosofia inflaciona o valor de uma origem que perca qualquer associação com uma substância, ou seja, a antifilosofia cerca o acontecimento por ter um valor conceitual superior, em termos de puro ato. Finalmente, a antifilosofia projeta de volta à filosofia o “seu lugar”, o “seu” ato, o pensar, que se manifesta no *lugar do sujeito* cuja prescrição universal existe em função das verdades produzidas nele e, de maneira ainda mais importante, do vazio em que a alteridade subsiste incondicionada e genérica.

Desta forma, *L'Être et l'événement* de Alain Badiou representa a realização da dimensão mais ambiciosa da visão de L. Althusser. Trata-se da reformulação da categoria de sujeito para além de uma autoconfiança mal justificada na filosofia, a de que o verdadeiro pensamento conceitual garantiria a emancipação. Por mais que Badiou costuma usar a designação de “teoria do sujeito”, não há “o” sujeito no universo da sua filosofia. No primeiro lugar, nem *existe* o sujeito em todo momento. Os seres humanos são rendidos, num materialismo brutalmente honesta, à sua realidade animalista. O humano se torna a qualificação de mais um espécie animal, o animal humano. Quanto ao sujeito, a categoria está submersa numa ontologia da multiplicidade que já sugere uma dissociação entre unidade e infinito, por um lado, e entre totalidade e processo, no outro. As figuras do sujeito na ontologia de Badiou são sempre criações históricas e contextualizadas em função do que produzem. São pelas verdades que o êxito das práticas teóricas ou discursivas é o da ampliação do sujeito. A partir de um mero ponto nominal num estado das coisas, ou “no Estado da Situação” na terminologia de Badiou, são pelas verdades que a transformação plausível deste Estado artístico, científico, político ou amoroso é prescrita.

Seja como for, o sujeito – aquele espaço inconsciente na agitação expressiva e comunicativa da enunciação prematura – claramente *demonstra* uma propensidade a crescer, a desenvolver, a evoluir, mas sempre de maneira imanente a um dos contextos que Badiou denomina condições, ou processos de verdade genérica. Porém, o que há mais que uma teoria da gênese do sujeito, como na (fenomeno)lógica formal de Husserl, é uma filosofia em que a ontologia fornece um modelo genético, ou “genérico”, do sujeito, reconstruído a partir das experiências vivas, experienciais e históricas que a produção de verdades, indexadas ao radicalmente novo, mostra. Portanto, a teoria do sujeito em Badiou deve ser entendido como a articulação das condições em comum para melhor entender como integrar o novo para que ele perdure.

Ainda duas observações para contextualizar a mudança expressiva ocorrida no âmbito da filosofia francesa contemporânea, neste âmbito do sistema em que o argumento em *L'Être et l'événement* se articula.

Antes de todo, a necessidade de subscrever à tese segundo a qual não existe neste argumento uma simples troca de cadeiras: o novo não vem ocupar o antigo espaço totalizante do sujeito transcendente. Mas como ensina as interpretações mais transcendentais do sujeito na tradição que vai de Descartes até Husserl, existe uma certa origem, mesmo se esta não tem valor ou quantificação existencial. O sujeito se diferencia do animal humano pela enunciação espontânea ante o novo. Ao invés de acompanhar as provas da sua novidade, a teoria do sujeito argumenta em favor da inclusão das provas na estrutura mesma do sujeito. O bem que representa o novo sujeito é um processo em ato. Em vez do por vir, trata-se do “para fazer”, um tomismo revisto por Platão. Por isso, o sujeito é uma função de um acontecimento, de uma exceção, de uma corte, uma ruptura.

Segunda observação suplementar: a relação entre o modelo reconstruído do sujeito se justifica como argumento ontológico, cujas categorias são tanto as da filosofia geral quanto as da matemática. Já que a filosofia não se reduz à ontologia, e nem a ontologia a uma condição histórica, mas demonstra a relação entre uma ontologia intrínseca às condições, segue-se que esta ontologia do sujeito deve ser a matemática, ou seja, o único prático de pensar unido à filosofia pelo campo umbilical de um nascimento conjunto na Grécia de Thales de Mileto. Após *L'Être et l'événement*, Badiou ainda precisará reconstruir a fenomenologia husserliana para completar o sistema e assegurar mais a união pela separação dos campos, desafio realizado vinte depois em *Logiques des mondes*. Portanto, enquanto a ontologia é uma teoria do sujeito *desobjetificado*, a fenomenologia visa a uma teoria do objeto *desubjetivado*.

Os artigos deste dossiê representam uma *mise au point* do círculo íntimo de pesquisadores trabalhando a partir do, junto com e em justaposição ao “espírito de sistema” desenvolvido na École normale supérieure, e ao sistema de Badiou mais especificamente. A herança de Althusser é pouco explicitado, mas todos os artigos se inscrevem na inquietude levantada pela interrupção brutal da sua visão que na época se confundia como mera afirmação da figura do mestre. Althusser era objeto de tal veneration pelos seus alunos que estes se recusaram a ouvi-lo quando lhes instruírem que a assinatura de sistemas filosóficos devia condenar o seu inventor ao esquecimento. A ideia do sistema daquela época era tão profundamente vinculado a Hegel, ou talvez Marx dos volumes do *Capital*, que representava a ciência pós-ideológica para Althusser. Por esta razão também, o sistema representa a cassação do discurso do mestre.

É um dos sentidos em que entender a declaração de Patrice Maniglier, o meu parceiro na articulação deste projeto aqui na revista *Veritas*,

quando escreve na sua contribuição ao dossiê: “Uma luta geracional parece estar engajada há várias décadas para liberar o desejo filosófico dos entraves que lhe havia imposto um tipo de má consciência, historicista e desconstrutivista.” Agradeço muito a Patrice Maniglier por ter confiado um projeto em suspenso a os meus cuidados. Pouco tempo após ter entrado em contato com os primeiros autores que eu havia selecionado no planejamento inicial deste dossiê, os professores Maniglier e David Rabouin me avisarem que existia um projeto de publicação bilíngue francês-arabe, mas que a guerra civil na Síria, e o fechamento da Universidade de Damasco, suspenderem o projeto no lado árabe. Organizamos a partir daí este projeto franco-brasileiro que terá dois números na revista *Veritas*, e a publicação no lado francês seguirá na revista *Les Temps Modernes*.

Neste primeiro número, os autores destacados são Alain Badiou, o mestre; Patrice Maniglier e David Rabouin, criadores e co-diretores da coleção *MétaphysiqueS*, na prestigiosa Presses Universitaires de France (PUF), ambos agrégés de philosophie que apresentam longos estudos sobre o ideal ou o espírito de sistema. Maniglier leva o sistema até confrontá-lo com a sua lógica interna, melhor representada pelo princípio de não-contradição, enquanto Rabouin desenha o forte influxo do espinozismo francês na retoma da matriz de sistema em busca de uma confirmação não absoluta, mas local, do universal; Laurent Dubreuil oferece uma perspectiva contra o sistema a partir do estilo da confissão, tão importante na própria partilha da escrita filosófica, encontrada desde Santo-Augustino até Derrida, passando por Jean-Jacques Rousseau. Além de Rousseau, dá para constatar que o motivo do tecido se abriga bem na figura reticular exigido pelas novas orientações do “espírito de sistema”.

Acompanhando os franceses, são Eduardo Luft e Luis Rohden. Eduardo Luft do PPGFil da PUCRS, aborda a crise da filosofia dualista, esticada entre uma teoria do sujeito e outra da natureza enraizadas na modernidade, mas deslocalizadas do seu campo referencial em comum, pois esta foi transformado pela pesquisa científica generalizada, ao passo de tornar a filosofia “refém” do seu proposta. Nesta medida, Luft engaja uma discussão com as críticas feitas à filosofia por Bruno Latour, e argumenta em favor de reconstruir o projeto de pesquisa filosófica sobre o sujeito e a natureza, em termos de um monismo dialético. Luis Rohden, do PPGFil da UNISINOS, por sua parte, demonstra como Paul Ricoeur passou a rearticular a ontologia pós-heideggeriana por meio de uma metafísica que não se submete ao ideal científico, embora expande a potência metodológica da fenomenologia hermenêutica.

Em 2014, para coincidir com a publicação dos artigos na França, a segunda parte do dossiê será então publicada, com artigos de Jean-Luc Nancy, Tristan Garcia, Elie During, et al.

Para este projeto, recebi o imenso auxílio dos meus orientandos no Programa de Pós-Graduação em Filosofia, uma verdadeira mutirão de tradutores e revisores. Nesta primeira parte, contribuirão a minha mestrandos Vanessa Nicola Labrea, meus mestrandos Jerônimo Milone e Henrique Doelle, e o meu doutorando Richer Fernandes. Lhes agradeço todos sinceramente por aceitar este desafio. Fiz as revisões do excelente trabalho deles, que em vários momentos receberam demais auxílio. Portanto, se houver alguns equívocos nas traduções, sou o único responsável. Quero também agradecer a assiduidade de Eduardo Garcia, secretário da revista, pelo o apoio técnico, e a Vanessa pelo auxílio fundamental de última hora.

Norman R. Madarasz

PPGF, PUCRS